

CAPÍTULO 13

Da classe operária ao estudo do futebol, e de volta... Itinerário de um sociólogo “engajante”

ENTREVISTA COM STÉPHANE BEAUD, REALIZADA POR IGOR MARTINACHE
E FRÉDÉRIC RASERA

Nascido em 1958, Stéphane Beaud é um dos sociólogos mais renomados hoje em dia na França. Ele começou suas pesquisas investigando os trabalhadores da indústria automobilística no leste do país com Michel Pialoux, com quem publicou, entre outros, *Retour sur la condition ouvrière* [“Voltar sobre a condição operária”] (1999). Privilegiando o método etnográfico, ele também é autor, com Florence Weber, de um *Guide de l’enquête de terrain* [“Guia da pesquisa de campo”], de 1997, que continua sendo uma referência indispensável para os pesquisadores iniciantes. Ele também se interessou pelas consequências ambivalentes da abertura do ensino superior na França com “80% au bac” et après? [“80% no Enem... e depois?”] (2002). Grande amante do futebol desde a juventude, ele só tardiamente fez dele um objeto de pesquisa, mostrando como esse esporte oferecia um espelho interessante para a sociedade francesa, especialmente no que diz respeito às tensões relacionadas às relações de classe e à sua história migratória. Preocupado em tornar a Sociologia

popular, em todos os sentidos da palavra, ele também está envolvido em várias iniciativas que visam divulgar os conhecimentos produzidos por essa disciplina, principalmente dando muitas palestras em escolas de ensino médio e bibliotecas públicas.

Pergunta: *Você se tornou conhecido na França pelas pesquisas que fez com Michel Pialoux junto aos operários da fábrica Peugeot na região de Sochaux-Montbéliard. Embora esse seja um lugar central para o futebol francês, o futebol estava totalmente ausente de seus trabalhos à época. Como você explica essa omissão?*

Resposta: Esse paradoxo é evidente e merece ser questionado. Há pelo menos dois elementos que explicam isso. O primeiro está ligado à maneira como Michel Pialoux e eu construímos nosso objeto de estudo. Sou vinte anos mais jovem e aprendi o trabalho de campo a seu lado, entrei “na esteira dele” na primeira fase da pesquisa. Comecei a trabalhar com Pialoux em 1988-1989, ao passo que ele já havia iniciado, em 1983, um importante trabalho de cunho biográfico com Christian Corouge, um OS [*ouvrier spécialisé*, operário especializado], militante da CGT,¹ na fábrica de carrocerias de Sochaux, que deu origem a cinco “Crônicas Peugeot”, publicadas em 1984-1985 na revista *Actes de la recherche en sciences sociales*. Ele focou sua

1 A CGT (Confederação Geral do Trabalho) é, junto com a CFDT (Confederação Francesa Democrática do Trabalho), uma das principais organizações sindicais interprofissionais; a primeira é considerada combativa, enquanto a segunda valoriza os acordos com os empregadores.

análise nas transformações do grupo operário local, especialmente nas formas de representação e delegação internas, trabalhando com algumas das intuições de Pierre Bourdieu sobre o tema (Bourdieu 1984). Michel Pialoux realizou longas entrevistas com membros de diferentes estratos do grupo operário (operários especializado, OS, mas também “profissionais”, OP),² e em 1988-1989 eu me juntei ao seu trabalho, ampliando o objeto de estudo para as transformações que estavam ocorrendo no âmbito da educação e da habitação. Minha tese de doutorado, que defendi em 1995 na EHESS (Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais), intitula-se, aliás, *L’usine, l’école et le quartier* [A fábrica, a escola e o bairro]. Assim, centramos o trabalho nessas questões de reprodução do grupo operário. E, nesse quadro teórico, o futebol só poderia surgir como uma questão menor ou desnecessária.

Além disso, os operários com os quais trabalhávamos e cooperávamos no campo, especialmente nossos aliados de pesquisa, eram majoritariamente militantes da CGT e, por vezes, da CFDT. Localmente, eram chamados de “antipeugeotistas”. Ora, o estádio Bonal [onde joga o Football Club Sochaux-Montbéliard (FCSM)] e o time de futebol eram o território, ou mesmo o reduto, dos “peugeotistas”. Desde 1968 (lembrete: dois operários foram mortos em junho de 1968 em Sochaux, quando as CRS³ tentaram pôr fim à ocupação

2 Nas classificações profissionais, os OS eram considerados sem qualificação específica e, por isso, situavam-se na base da hierarquia, enquanto os OP tinham uma certa qualificação reconhecida.

3 As CRS, Compagnies Républicaines de Sécurité [Companhias Republicanas

operária da fábrica), havia uma divisão nítida, e ainda muito viva, entre essas duas frações do grupo operário local. Lembro que, quando pesquisávamos (intensamente) em Sochaux entre 1988 e 1995, havia ainda 25 mil operários na fábrica, e essa oposição entre “peugeotistas” e “antipeugeotistas” era muito forte e estruturante — ainda mais depois da grande greve dos OS da fábrica de Sochaux (sete semanas) em 1989.

Resumindo: a questão do futebol, e mais especificamente do clube de Sochaux, era quase um tabu entre os operários que pesquisávamos, como Christian Corouge e seus companheiros. Todos lutavam sindicalmente na fábrica, e essa batalha, nos anos 1970, havia sido muito dura e, às vezes, violenta (com sindicato pelego, punição de delegados da CGT pelos supervisores etc.). Para eles, não havia meio-termo: o time de futebol Sochaux era, por essência, “o time do patrão”, e eles o detestavam por princípio [de luta]. E isso apesar de Christian Corouge ter sido, na juventude, um excelente jogador de futebol em Cherbourg (atuava como ponta-direita), selecionado para a equipe de cadetes de sua região. Ele adorava futebol, mas jamais colocaria os pés no estádio Bonal. E eu mesmo, durante todos aqueles anos intensivos de pesquisa e tese (1989-1995), nunca fui ao estádio — eu “respeitei esse interdito”, por assim dizer, ainda que o estádio ficasse ao lado da fábrica.

Acho, portanto, que a principal razão da ausência do futebol em nossos trabalhos sobre o grupo operário de Sochaux foi que, de fato,

de Segurança] são um corpo específico da polícia francesa dedicado à manutenção da ordem (especialmente durante manifestações de rua).

ele estava fora do escopo da pesquisa. Era, repito, uma espécie de interdito, para não ofender os militantes operários dos quais éramos muito próximos.

P: E o futebol como prática ou espetáculo não fazia parte do cotidiano deles?

R: Não, muito pouco. Mas, de minha parte, mesmo assim tentei abordar indiretamente a prática do futebol na região. No meio da nossa pesquisa, por volta de 1992-1993, o DUPM [District Urbain du Pays de Montbéliard, Distrito Urbano da Região de Montbéliard] lançou um edital para entender a multiplicação de clubes chamados “étnicos” na região: portugueses, argelinos, marroquinos, turcos etc. Fui postulante porque o tema me interessava. Escrevi um pequeno projeto e depois participei de uma espécie de entrevista com uma comissão de representantes locais, na qual apresentei esse pequeno texto e expliquei os trabalhos da Escola de Chicago sobre os imigrantes poloneses nos EUA (Thomas e Znaniecki 1998), sugerindo que, longe de ser um obstáculo à integração, a multiplicação desses clubes (“Argelinos de Montbéliard”, “Portugueses de Montbéliard”, “Turcos de Montbéliard” etc.) indicava, paradoxalmente, que a integração estava em curso,⁴ passando por esse canal histórico — um fenômeno também presente em outras imigrações, especialmente nos EUA. Obviamente, essa hipótese pareceu absurda a meus inter-

4 Ver o capítulo 10, de Igor Martinache.

locutores: um dos representantes locais chegou a me chamar, com certa rudeza, de “intelectual” que “não entendia nada”, pois minha hipótese parecia totalmente insensata. Claro que não fui selecionado para a pesquisa!

Ou seja, eu não estava totalmente cego para essas questões: lia diariamente o *L'Est Républicain* [o jornal local] durante os períodos de campo, em temporadas de dois a três meses, e recortava os artigos sobre futebol que me interessavam.

A segunda grande razão que pode explicar a ausência do futebol em nossa pesquisa sobre os operários de Sochaux-Montbéliard está mais ligada à minha trajetória pessoal como sociólogo. Eu havia escrito um artigo em 1990 com Gérard Noiriel, intitulado “L’immigration dans le football” [A imigração no futebol] (Beaud e Noiriel 1990). Isso mostra que o tema estava, de certo modo, em algum canto da minha mente. Mas, ao realizar minha tese sobre os filhos de operários de Sochaux-Montbéliard, tornando-me sociólogo das classes populares — embora eu mesmo não fosse oriundo desse meio —, eu diria, retrospectivamente, que provavelmente quis “dar garantias” do meu engajamento nesse trabalho pleno e profundo de conversão à Sociologia. Não foi propriamente um obreirismo da minha parte, mas reconheço que, naquele momento biográfico crucial de conversão à Sociologia, talvez eu tenha tido a tendência de “obreirizar” meus objetos de pesquisa. E o futebol, visto como pouco nobre sindical ou politicamente, foi naturalmente excluído.

Para entender isso, devo insistir no fato de que minha conversão à Sociologia foi um processo longo e incerto: por um lado,

eu não estava destinado a ser sociólogo — fiz estudos em economia e na Sciences Po Paris — e, por outro, como era um leitor assíduo e apaixonado de Bourdieu e da revista *Actes de la recherche en sciences sociales*, eu tinha — dentro da minha cabeça — estabelecido um padrão elevado de exigência para essa disciplina. Lembro que, entre 1985-1989, quando era “encarregado de estudos” no Ires (um instituto de pesquisa a serviço das organizações sindicais, criado pelo primeiro-ministro socialista Pierre Mauroy, em 1982), demorei muito para ousar assinar meus primeiros textos (no *Note de l’Ires*) como “sociólogo” — e eu já tinha 30 anos.

Enfim, nesse momento de primeiros passos como sociólogo, querendo estudar o mundo operário sob a esquerda no poder, o futebol era um tema muito secundário, quase enterrado dentro de mim, de encontro a tudo o que eu queria fazer. O que me interessava, com Michel Pialoux (cujos trabalhos me fascinavam), era estudar as formas de reprodução do grupo operário — e o futebol, nesse contexto, me parecia um objeto quase ilegítimo.

P: Então como você acabou estudando o futebol e, mais especificamente, analisando a greve dos Bleus durante a Copa do Mundo de 2010?

R: Tudo começou com o artigo que escrevi com Gérard Noiriel, em 1990, pois ambos tínhamos interesse pelo tema — mas é verdade que por muito tempo o deixei de lado. Sem querer fazer um trabalho de ego-história ou de ego-sociologia, preciso mencionar ao menos minha relação com o futebol: durante meus anos de estudante e dou-

torando, não tive televisão em casa, quase não via os jogos, acompanhava o campeonato francês de maneira distraída, não comprava mais o *L'Équipe* [o único jornal esportivo francês] — enfim, acompanhava o futebol de longe. Era uma espécie de ruptura com meu passado de apaixonado por futebol, e eu diria que, de forma mais ou menos consciente, esse me parecia o preço a pagar para ser sociólogo de verdade. Além disso, ao lado de Michel Pialoux e de Jean-Claude Chamboredon (que orientou minha tese), dois sociólogos que eu admirava muito e que tinham sólida formação clássica (estudo de *khâgne*⁵ e de letras clássicas), e eu sabia que nunca conseguiria recuperar meu “atraso” intelectual. Talvez para me conformar à imagem ideal de sociólogo que eles representavam para mim, acabei deixando de lado, ou mesmo reprimindo, minha paixão esportiva, em particular pelo futebol. Comecei a me interessar novamente pelo futebol com a Copa do Mundo de 1998, que vivi de forma um tanto apagada, como um torcedor decepcionado. Eu detestava aquela seleção [francesa] de jogo defensivo, achava os jogos terrivelmente tediosos e seguia a linha crítica do *L'Équipe* contra [Aimé] Jacquet [técnico da seleção]. Acompanhava todos os jogos sem me deixar levar pela paixão esportiva. Ao mesmo tempo, ficava feliz em vê-los vencer, porque me interessava muito pelo fenômeno social que permitia aos filhos de imigrantes, como [Zinedine] Zidane, alcançarem o sucesso no futebol.

Em 2010, já começava a me interessar de novo pelo futebol, mas ainda era um tema adormecido. Quando aconteceu aquela famosa

5 Cursos preparatórios na área de humanidades voltados para o ingresso nas grandes escolas francesas de elite, como a Escola Normal Superior (ENS).

greve dos Bleus em Knysna, na África do Sul, achei a cobertura da mídia extremamente enviesada, deslocada e até bastante escandalosa. Percebi rapidamente — não era difícil — que aquela greve de jogadores em plena Copa do Mundo, extremamente improvável, era um acontecimento mais complexo do que diziam os comentaristas, que passaram 15 dias crucificando os supostos “líderes” da greve, rotulando-os publicamente como “jogadores de periferia” e “muçulmanos”. Logo tive uma intuição de que, por trás do bombardeio midiático, havia espaço para um discurso diferente, mais sensato e ponderado, a partir de um olhar sociológico. Propus um artigo para o *Libération* alguns dias depois da greve e, mais tarde, decidi aprofundar a reflexão em um livro. No verão seguinte, reuni muito material de imprensa com a ajuda de dois motores de busca potentes (Factiva e Europresse).

Pequeno parêntese institucional: na época, eu era professor de Sociologia na ENS [École Normale Supérieure], desde 2007. Nessa instituição muito prestigiada na França, fui aos poucos sendo sugado por múltiplas atividades acadêmicas que tomavam muito do meu tempo e acabei perdendo o contato com o trabalho de campo. A pesquisa em Sochaux já estava distante, e talvez eu também precisasse me autonomizar de Michel [Pialoux]. Enfim, eram anos de incerteza. Eu não era “infeliz” na ENS — seria o cúmulo... —, mas eu experimentava um certo mal-estar persistente. Eu havia me tornando, contra a minha vontade, uma espécie de *homo academicus* [orientando muitas teses, participando de inúmeras bancas], em tempo quase integral, e já não tinha um objeto de pesquisa claro.

Em 2007, Olivier Masclet e eu propusemos à editora Albin Michel um belo projeto de livro sobre uma “sócio-história dos *Beurs*” [termo coloquial para designar os filhos de imigrantes norte-africanos nascidos na França]. Era um tema que me interessava muito e sobre o qual havíamos escrito um longo artigo programático para um número especial (verão de 2006) da revista *Les Annales* dedicado aos protestos urbanos de 2005. Também organizei um seminário na ENS sobre o tema. Mas, por razões variadas, não conseguimos escrever o livro. Tanto que o futebol surgiu, naquele momento, como uma espécie de válvula de escape, tornando-se um objeto que me ajudou a decidir entre diferentes caminhos de pesquisa e a sair de uma espécie de “marasmo” em que eu me encontrava.

Eu não teria conseguido escrever tão rapidamente esse livro, *Traîtres à la nation?* (Traidores da nação?) (Beaud 2011), se não estivesse na ENS, onde tive a possibilidade, e até a sorte, de poder dispor de cinco meses sem aulas, com muito tempo livre. Aluguei um estúdio, no qual me tranquei para trabalhar intensamente (em colaboração com Philippe Guimard, ex-aluno do mestrado EHESS-ENS, que cresceu em La Courneuve) e escrever esse livro sobre a greve dos Bleus de 2010.

P: A etnografia sempre esteve no centro das suas investigações, e você também coescreveu com Florence Weber um Guia para a pesquisa de campo (Beaud e Weber 1997), que serviu e ainda serve de referência para muitas gerações de estudantes. Como você explica o fato de que, para escrever *Traidores da nação?*, você não

realizou uma pesquisa etnográfica, mas utilizou essencialmente artigos de imprensa?

R: Essa é uma objeção pertinente e que me foi feita várias vezes em relação a esse livro: “onde está a pesquisa de campo?”. De fato, não há. Mas, no meio acadêmico da Sociologia, com frequência subestimamos o fato de que realizar uma pesquisa etnográfica sobre um acontecimento (no caso, a greve dos Bleus, que teve impacto extraordinário e uma enorme repercussão midiática) é praticamente missão impossível. Tentei, claro, contatar diversos atores, mas era absolutamente impossível entrevistar os jogadores. Enviei *e-mails* a todos os responsáveis da seleção francesa que estavam na África do Sul, mas ou eles não me respondiam, ou diziam que não podiam. Percebi rapidamente que não havia como investigar esse acontecimento, a menos que se fosse um *insider*, o que eu não era.

Na falta de uma investigação etnográfica, trabalhei — como é comum em Sociologia — com os meios disponíveis, ou seja, com o vasto material encontrado nos diversos meios de comunicação: imprensa generalista, imprensa esportiva, rádio, televisão, internet etc. Como hoje o futebol é amplamente discutido, essas fontes, especialmente as jornalísticas, são abundantes. Elas são interessantes, claro, desde que manejadas com paciência, precaução e prudência. Como os jornalistas, pela posição profissional que ocupam, têm acesso privilegiado aos jogadores, empresários e dirigentes, percebi que seria possível construir, a partir do cruzamento de seus relatos, uma leitura sociológica detalhada e bastante precisa desse acontecimento. Creio

ter realizado um número suficiente de pesquisas de campo e ensinado bastante metodologia de pesquisa para saber que a pesquisa etnográfica é uma ferramenta-chave das Ciências Sociais e, de certo modo, insubstituível. Mas também é um fato que nem sempre ela é viável. O truque do sociólogo, nesses casos, é buscar caminhos alternativos.

Sempre cito o exemplo do artigo de Bourdieu e Boltanski sobre “A produção da ideologia dominante” (1976) ou os textos do primeiro sobre os padrões (Bourdieu e Saint-Martin 1978). Esses grandes artigos da *Actes* se baseiam muito pouco em entrevistas e ainda menos em observações. Não por acaso, eles se baseiam em ampla revisão bibliográfica e, acima de tudo, em uma análise de imprensa muito completa. Para profissões públicas, nas quais as pessoas precisam estar visíveis no espaço público e são continuamente alvo de comentários, como dirigentes políticos, grandes executivos ou jogadores de futebol de alto rendimento, considero totalmente legítimo fazer uma Sociologia séria baseada em fontes jornalísticas, ainda que ela nunca alcance a profundidade e a riqueza explicativa de uma pesquisa etnográfica longa e rigorosa, como a realizada por Frédéric Raseria com a profissão de jogador de futebol (Raseria 2016). Defendo, portanto, a ideia de que é possível trabalhar seriamente com fontes jornalísticas e que, em temas como a greve dos Bleus, temos o direito de renunciar a certo purismo metodológico (“Fora da pesquisa etnográfica, não há salvação!”). Durante muito tempo, aliás, a Ciência Política se baseou exclusivamente, e até excessivamente, nesse tipo de fonte.

Voltando à greve de 2010, foi pela imprensa que descobri Marc Planus, um dos atores do acontecimento e um dos poucos que

falaram em público. Enviei várias mensagens a ele e tentei contactá-lo por diversos canais, pois se tratava de um ator secundário. Ele era um observador perspicaz que poderia ter sido um informante privilegiado, mas ele não me deu retorno. Penso que, nesse episódio, houve dentro da Federação Francesa um consenso pela *omertà* [lei do silêncio]: ninguém diz nada, ninguém disse nada. Foi preciso esperar até 2018, em um documentário do Canal+ [principal canal privado de TV da França], para que Raymond Domenech [técnico da seleção na época] revelasse o que Nicolas Anelka [o jogador no centro do incidente inicial] realmente lhe dissera: “Vai se ferrar com esse seu time de merda!”.⁶

Em resumo, fica claro que o cerne do problema era a relação entre Domenech e o jornal *L'Équipe*. Domenech sabia muito bem o que Anelka havia dito, mas não disse nada durante oito anos, deixou que as versões se espalhassem, como se tivesse aceitado deixar a situação “esquentar” em vez de apaziguar os ânimos. Essa atitude me parece totalmente irresponsável e continua sendo, para mim, um verdadeiro enigma sociológico que, quinze anos depois, ainda não foi esclarecido.

P: Você passou por várias universidades, incluindo Nantes, onde existe uma tradição de pesquisa sociológica sobre o esporte, e sobre o futebol em particular, impulsionada por Jean-Michel Faure e Charles Suaud. Seus colegas de Nantes tiveram alguma influência sobre você?

⁶ Na época, porém, os jornalistas haviam imaginado outras declarações muito mais problemáticas.

R: Tivemos uma espécie de desencontro. Eu tinha grande apreço por Charles Suaud, que foi meu orientador de HDR [habilitação para dirigir pesquisas],⁷ em 2003, em Nantes. Era um excelente professor e ótimo colega, que trabalhava em dupla com Jean-Michel Faure (autor de uma tese de Estado, infelizmente nunca publicada, sobre “esporte e classes sociais”). Eles davam muitos de seus cursos nos STAPS [o equivalente dos departamentos de Educação Física na França], onde abordavam o tema do esporte. Eles haviam entendido que para estudar o esporte com um mínimo de objetividade estatística era preciso se voltar para os alunos de STAPS, que não temiam enfrentar os números e produzir estatísticas. Como Suaud e Faure eram ótimos professores, conseguiram atrair bons estudantes (na grande maioria, homens) e desenvolveram nos STAPS sua “pequena empresa sociológica” (o que considero muito louvável), abordando diversos temas interessantes sobre o esporte.

Eu, por outro lado, entre 1996 e 2000, estava no departamento de Sociologia de Nantes, bastante desconectado dos STAPS e, do ponto de vista da pesquisa, mergulhado nos trabalhos com Michel Pialoux [sobre os operários de Sochaux]. Por isso, eu estava muito pouco disponível e não me envolvi nessa promissora vertente nantesa da sociologia do esporte, além do fato de que não morava em Nantes (minha esposa é professora em Paris). Além disso, quando cheguei, o departamento de Sociologia estava em pleno conflito

7 Qualificação adicional, equivalente a uma segunda tese, necessária para orientar teses sozinho e alcançar o cargo de professor universitário na França.

estrutural entre diferentes correntes e não havia uma dinâmica de pesquisa coletiva. Penso que, se tivesse chegado alguns anos antes, talvez tivesse me lançado nessa empreitada com eles. Havia no grupo de Suaud e Faure jovens colegas que eu apreciava, mas nunca fizemos uma pesquisa coletiva no departamento.

P: Depois disso, você orientou muitos trabalhos de mestrado sobre futebol. Pode nos contar como escolhe os temas com os estudantes? E você utilizou alguns desses trabalhos em suas próprias pesquisas? Se sim, como?

R: Depois do livro de 2011 (*Traidores da nação?*), organizei seminários sobre futebol na ENS. Comecei com um seminário sobre “A história social do futebol”, com Julien Sorez. Ingenuamente, pensei que depois de 1998 e 2010 haveria certo entusiasmo pelo tema, mas tivemos apenas quatro alunos, a maioria da ENS (Paris e Cachan). Um deles fez uma belíssima tese sobre o Stade de Reims [um clube histórico ainda hoje na primeira divisão], mas, no geral, o tema não interessava muita gente nas Ciências Sociais. O futebol, na Escola Normal Superior de Paris, esse templo do saber acadêmico desde 1794, era realmente ousado, já que ainda hoje é um objeto ilegítimo.

E não apenas nas Ciências Sociais, aliás. Gérard Ernault, conhecido jornalista do *L'Équipe* e do *France Football*, também participou de algumas sessões desse seminário. Ele contou que, ao sair da ESJ (Escola Superior de Jornalismo) de Lille [uma das melhores escolas da profissão na França], em 1965, foi o único da turma a querer tra-

balhar no *L'Équipe*, e todos os seus colegas de turma ficaram surpresos, quase zombando dele por aquela escolha profissional suicida. Naquela época, querer ser jornalista esportivo era visto como algo de “segunda categoria” na ESJ, uma espécie de rebaixamento voluntário. Mais tarde, Ernault tornou-se um dos grandes redatores do *France Football* [o principal semanário esportivo da França, criador da Bola de Ouro] e autor prolífico de biografias de jogadores pela editora Calmann-Levy, nos anos 1970. Ele também fez uma leitura muito interessante do meu livro.

Quando o livro saiu, esqueci de dizer, enviei um exemplar a Laurent Blanc [ex-jogador da seleção francesa campeã em 1998 e então treinador da equipe], à Federação Francesa de Futebol, à direção da seleção francesa, ao jornal *L'Équipe*. Ninguém respondeu, mas Philippe Tournon, assessor de imprensa da seleção, que achou que Laurent Blanc não leria o livro, pegou-o na caixa de correio da FFF. Ele o leu e enviou-me, na ENS, uma bela carta dizendo que concordava amplamente com o que eu havia escrito. Isso me confortou e me encorajou, pois o livro recebeu poucas resenhas na imprensa e nas revistas de Sociologia, exceto a de Julien Bertrand, a sua [Igor Martinache] e a de um doutorando (Chavignier) na *Revue française de sociologie*. Essa carta de Philippe Tournon, que foi diretor de comunicação da seleção francesa de 1983 a 2004 e, depois, de 2012 a 2018 — enfim, ele é, à sua maneira, um grande especialista — tranquilizou-me ao confirmar que eu estava no caminho certo com esse livro.

Depois, com Julien Sorez, criamos outro seminário, desta vez focado na etnografia do futebol nas periferias parisienses. Recebe-

mos alunos do mestrado da EHESS/ENS, inclusive várias mulheres, e funcionou muito bem. Gerou ótimos trabalhos de mestrado. Deveríamos ter feito um livro coletivo ou número de revista. Na época, porém, como eu estava saindo da ENS, deixei de lado. Foi uma pena, e provavelmente um erro da minha parte, porque acredito que havia um filão realmente promissor. Esse seminário “Etnografia do futebol na periferia” também nos mostrou que, em vez de tentar estudar meios quase inacessíveis, podemos pesquisar sobre o futebol amador, o futebol juvenil. Mais tarde, coordenei uma pesquisa sobre futsal a pedido da Federação Francesa de Futebol. Também foi muito interessante, mas igualmente subutilizada. Outro erro: ao fazer pesquisas coletivas, é preciso acompanhar os resultados e garantir que gerem algo: um número especial de revista ou um livro.

Acho que essa subutilização de todas essas pesquisas sobre o futebol entre 2012 e 2016, e o fato de ter deixado esse rico material abandonado, deveu-se fundamentalmente, no meu caso, a uma espécie de “aquoibonismo” (termo derivado da expressão francesa “*à quoi bon?*”, “para quê?”) um tanto fatalista, ligado ao pouco interesse que a maioria dos sociólogos franceses tem demonstrado pelo futebol como objeto de pesquisa. Outro indicador acadêmico, entre outros: meus dois livros sobre futebol (2010 e 2014) não geraram nenhum convite para seminários de pesquisa em Sociologia ou jornadas de estudo. A única vez em que fui convidado para falar foi por volta de 2020, por doutorandos de Ciência Política de Paris 1 (e foi muito interessante).

P: E você usou esses trabalhos de alunos nas suas próprias pesquisas?

R: Essa é uma questão complexa, que vocês em Lyon e Nanterre provavelmente também enfrentam: o que fazer com os bons trabalhos dos estudantes? Acho há muito tempo deveríamos fazer como os historiadores, que copublicam artigos com bons alunos de mestrado ou, muitas vezes, publicam em seu próprio nome pesquisas que orientaram. Em Sociologia/etnografia, os estudantes fazem suas pesquisas, defendem seus mestrados e pronto, ninguém faz mais nada. Raros são os que publicam por conta própria (como Olivier Godechot, cujo primeiro livro na coleção *Enquêtes de terrain*, da editora La Découverte, veio de seu mestrado sobre *traders* — mas ele era aluno da ENS e ex-aluno da Ensae).⁸ A grande maioria não publica nada. Acho que um(a) “bom(a)” estudante, bem orientado(a), que realiza um ótimo trabalho de mestrado, nem sempre consegue escrever um artigo sozinho(a), mas podemos ajudá-lo(a) a publicar, coassinando, como nossos colegas das “ciências duras”. Também poderíamos criar revistas *on-line* para publicar bons trabalhos desta ou daquela faculdade. Deveríamos publicar mais os trabalhos dos estudantes, que às vezes propõem investigações muito originais e pertinentes — desde que não publiquemos em seu lugar, nem nos apropriemos indevidamente de seus trabalhos. É lamentável que mais de 90% dos bons trabalhos de mestrado nunca sejam conhecidos, pois não são publicados.

8 A École Nationale de la Statistique et des Études Économiques é uma grande escola de Engenharia especializada na análise de dados quantitativos.

P: Voltando ao artigo que você escreveu com Gérard Noiriel em 1990 sobre imigração no futebol (Beaud e Noiriel 1990): é um texto de referência, muito citado, e ao mesmo tempo um artigo bastante programático. Pode nos contar sobre sua origem e como o vê hoje? O programa proposto foi implementado?

R: Na época, há 35 anos, Gérard e eu éramos *agrégés-préparateurs* [cargo de professor temporário destinado aos aprovados no concurso da *agrégation*] na ENS — “*caïmans*”, como se dizia — ele em História desde 1985, eu em Sociologia desde 1989, e nenhum de nós dois era *normalien* [ex-aluno da ENS], o que é raríssimo. Às vezes, deixavam isso bem claro para nós, o que acabou gerando um forte sentimento de união entre nós. Gérard trabalhava feito louco, estava sempre na biblioteca ou nos arquivos (devemos ter almoçado juntos umas três vezes nos cinco anos que passamos na ENS). Mas trocávamos muitas ideias, especialmente sobre o DEA de Ciências Sociais, que ele coordenava. Um dia, ele me disse: “Vai sair um número especial [da revista *Vingtième Siècle*] sobre futebol, e me pediram um artigo sobre futebol e imigração”. Era [o historiador] Alfred Wahl (que é de Metz e que Gérard, formado na Faculdade de História de Nancy, conhecia), que o coordenava. Gérard, que sabia do meu interesse pelo futebol, gentilmente me propôs escrever esse artigo com ele.

Como Gérard escreve rápido e bem, dividimos o trabalho. Passei um mês lendo livros e artigos sobre o tema na Biblioteca Nacional, especialmente testemunhos de jogadores filhos de imigrantes. Escrevi cerca de trinta páginas de anotações manuscritas, que entreguei

a Gérard. No fim de semana, ele redigiu um primeiro rascunho com base nas minhas anotações e fizemos um pequeno bate e volta no texto. Foi um artigo de encomenda, escrito de maneira artesanal, que escrevemos porque tínhamos ideias que queríamos desenvolver. Gérard também havia jogado futebol no seu Vosges natal, tinha lembranças boas e ruins, mas, mesmo assim, assinava o Canal Plus [canal pago que na época transmitia muitos jogos do campeonato francês e das Copas da Europa] para assistir aos jogos. Foi um artigo de ocasião, que estabelecia alguns marcos e problemáticas. Gérard estava cheio de projetos, então não colocamos em prática o programa esboçado no artigo, e ele acabou deixando a ENS em 1994, e eu, em 1996. Poderíamos ter organizado um seminário sobre futebol e imigração entre 1990 e 1994, mas ele estava envolvido com um livro em inglês e outro sobre a questão dos refugiados.

P: Mas vocês organizaram mais tarde um seminário juntos na ENS intitulado “Fazer o espetáculo”?

R: Sim, mas mais tarde. A ideia de “Fazer o espetáculo” partia da constatação de que o futebol, por si só, não bastava para atrair participantes à ENS. Então decidimos misturá-lo com arte e cultura, pois Gérard trabalhava, desde o início de 2010, em uma pesquisa sobre o primeiro palhaço negro na França, chamado “Chocolat”, no final do século XIX e início do XX [sua trajetória é reveladora das relações raciais na França]. Essa pesquisa deu origem a dois livros, em 2011 e em 2016, sendo o segundo (Noiriel 2016) muito importante

aos meus olhos, embora tenha sido, de forma bastante surpreendente e inexplicável, esquecido pela crítica historiográfica (muito poucas resenhas desse livro nas principais revistas de História...). Além disso, ele também trabalhava em um livro dedicado ao teatro. Era uma maneira de mostrar que o futebol também é um espetáculo que pode ser interessante comparar com outros – teatro, dança, ópera... – e não apenas uma estratégia de legitimação, mas também uma forma de construir diferentes objetos, tirar o futebol da sua bolha e comparar as lógicas entre diferentes tipos de espetáculo. Tínhamos um projeto de livro que não viu a luz do dia, mas com Julien [Sorez] temos um projeto de história social do futebol.

P: Com Julien Sorez, você também está preparando um documentário propondo uma história popular do futebol na França. Você poderia falar sobre a gênese desse projeto e sobre como vocês o desenvolveram, bem como, mais amplamente, sobre a prática da sociologia pública, à qual você tem se dedicado bastante ultimamente?

R: Esse projeto de documentário está, como costuma acontecer, ligado a encontros pessoais. Mais uma vez, é graças a Gérard Noiriel, que havia participado de um documentário sobre a história dos impostos, em dois episódios de 52 minutos, produzido por Luc Martin-Gousset, então diretor de uma grande produtora de documentários chamada Le Point du Jour. Gérard me convidou para a estreia desse documentário, quando conheci Martin-Gousset, que me pareceu uma pessoa muito curiosa e simpática. Falei com ele sobre a ligação

entre futebol e sociedade. Ele não conhecia muito do assunto, mas se interessou e logo achou que seria interessante fazer um documentário sobre isso. Como eu não tinha tempo nem estrutura para me lançar sozinho nesse projeto, falei imediatamente com Julien Sorez, historiador reconhecido do futebol, pois o objetivo era dar ao documentário uma forte dimensão histórica. Julien é uma pessoa determinada, cheia de ideias e com muita energia, algo que sempre admirei nele. Queríamos propor uma história popular do futebol, mas sem voltar muito no tempo. Eu queria falar da minha geração com a epopeia dos “Verts”, então decidimos começar por Saint-Étienne e avançar até os dias atuais. Atualmente estamos aguardando a resposta final da France Télévisions [consórcio de canais públicos de televisão na França], que deve sair no final de junho de 2025. Eles quase aprovaram o projeto, mas ainda precisam assinar, pois envolve muito dinheiro. Tivemos que escrever primeiro um texto bem curto para apresentar o projeto, com menos de dez páginas, e depois tivemos de três a quatro meses para fazer o que o jargão da televisão chama de “desenvolvimento”. A France Télévisions financia essa etapa. O diretor Mathias Vaysse, Julien e eu escrevemos esse desenvolvimento: um documento de 82 páginas em que descrevemos o que será mostrado de 5 em 5 minutos. Fizemos pré-entrevistas por Zoom com membros da geração dos Verts, como Dominique Bathenay, Christian Lopez e Alain Giresse. Julien encontrou Luis Fernandez num café. Ao todo, realizamos cerca de vinte entrevistas, transcritas pela equipe de produção. Não foi difícil contatar essas antigas glórias do futebol francês, já aposentadas, com entre 50 e 70 anos e felizes

em falar. O problema está com a nova geração de jogadores: mesmo que o documentário seja essencialmente histórico, ele só será aceito se tratar também da era atual – com Mbappé e companhia. O que sempre nos dizem na France Télévisions é que Bathenay e Lopez são interessantes, mas ninguém mais sabe quem são, enquanto Mbappé e os outros... O problema é que é mais difícil conseguir entrevistar esses últimos, pois eles são muito requisitados. Como não se trata de mais um documentário sobre a epopeia dos Bleus ou dos Verts, mas sim um projeto para entender o que mudou no futebol, insistimos muito nos centros de formação, na profissão de jogador, nos educadores e, também, no futebol urbano e rural. Quisemos diversificar e não focar apenas no OM, no PSG ou no Saint-Étienne, mas mostrar o futebol dos territórios. Veremos se será aceito, pois os divulgadores (France TV) querem celebridades, nomes conhecidos na ficha técnica do documentário – seguem a lógica da audiência e do dinheiro, mesmo na televisão pública, porque o documentário será exibido no horário nobre (21h-23h).

Voltando ao ponto principal, que é como conduzir boas entrevistas com esses jogadores de futebol de alto nível, nos deparamos com uma dificuldade nada fácil de superar. Eles já foram tão entrevistados por jornalistas ao longo da carreira, que muitas vezes reproduzem um discurso pronto. É como se entrassem no piloto automático. Então, o objetivo da entrevista sociológica diante da câmera será justamente desviá-los dessa tendência, buscar outras abordagens, fazer perguntas menos usuais.

Dominique Bathenay, por exemplo, estrela dos Verts, que deixou Saint-Étienne para ir ao PSG. Falamos com ele para entender as

condições dessa transferência. Sua esposa era uma verdadeira torcedora do Saint-Étienne, então não foi uma decisão fácil. Ele explicou que, na verdade, sua esposa teve um papel enorme porque queria sair de Saint-Étienne. Eles foram convidados para uma estadia em Paris, com festas, cultura, espetáculos... Ele nos disse: “A gente saía todas as noites!”. Para mostrar o fascínio de Paris naquela época, eles não eram levados para baladas, mas para o Folies-Bergère, Bobineau etc. [cabarés e teatros populares de Paris]. Ao ampliar o contexto social dos jogadores daquela geração, o documentário ganha uma dimensão muito interessante, mostrando que eles não são apenas jogadores de futebol e destacando o papel das esposas.

P: Essas entrevistas por videoconferência não poderão ser usadas diretamente no documentário?

R: Elas foram incluídas no “desenvolvimento” de 82 páginas, que tem muitos trechos dessas entrevistas, para mostrar a qualidade do material e, também, que já trabalhamos bastante. Mas, depois, será preciso refazê-las durante o que chamam de filmagem, a gravação do documentário. Se isso acontecer, quero realmente fazer um trabalho metodológico sobre isso, porque quero mostrar que vale a pena em um documentário, como em entrevistas etnográficas, deixar que a fala se estabeleça quando se quer “falar sério de futebol” (Beaud 2014). Com o enorme desafio da montagem, é claro: como dar espaço a essa fala no filme, já que os canais odeiam “túneis” (quando os entrevistados falam demais)? Como evitar uma série de peque-

nos trechos de 30 segundos? Prefiro alguém falando por 5 minutos, desenvolvendo uma ideia, a cortes demais. O que mais me interessa nesse projeto é tentar fazer um documentário que fuja do comum e tenha uma abordagem sociológica que permita entender de um jeito diferente quem são essas pessoas. Por exemplo, não sei se vamos conseguir, mas para tratar da geração atual, queremos dar voz aos educadores, com a ideia de mostrar que se a França é o terceiro maior exportador de jogadores de futebol do mundo, é graças aos seus centros de formação e aos educadores, que são muito bons, mesmo que infelizmente a moda seja contratar técnicos estrangeiros para os clubes de primeira divisão, quando há excelentes treinadores franceses.

*P: A segunda parte da pergunta dizia respeito à sua relação com a sociologia pública. Não sei se esse documentário entra nessa ideia, mas, além do futebol, há alguns anos você também escreveu um livro intitulado *La France des Belhoumi* (Beaud 2018), no qual traça o retrato sociológico de uma família originária da Argélia. Depois disso, você fez inúmeras intervenções em escolas e até levou a obra ao teatro (Beaud, Belhoumi e Lurcel 2024) — como fez Gérard Noiriel, aliás. Você poderia explicar essa abordagem?*

R: Cresci intelectualmente ao lado de Jean-Claude Chamboredon, de um lado, e de Michel Pialoux, por mais tempo, do outro. Ambos eram ascetas da Sociologia. Chamboredon era um grande erudito, escreveu artigos de referência, mas não publicou um único livro sozinho. Cresci dentro desse mito [do sociólogo asceta], tendo como

contramodelo o polo tourainiano [os sociólogos ligados a Alain Touraine], que praticava uma sociologia hiperpública, com construções de objetos muitas vezes improvisadas e mais frágeis. Hoje, penso que é preciso encontrar um equilíbrio, e acredito, mais do que nunca, na importância de tornar a Sociologia pública. Também pesa o fato de que comecei a fazer isso não com 30 anos, mas a partir dos 50, porque só então pareceu-me interessante. Tive alguns arrependimentos, pois durante as pesquisas com Pialoux recebemos muitos convites, mas nem sempre respondíamos. Houve falas e debates estimulantes — apresentamos a pesquisa em Sochaux —, mas acredito que uma investigação de longo prazo como aquela merecia ter sido mais explorada. Esse é um dos pontos cegos da Sociologia atual: o que fazemos com os livros e artigos que escrevemos? O que resta deles? Quem se apropria deles no mundo social?

P: Você acha que o futebol pode ajudar a tornar a Sociologia mais popular?

R: Sim, absolutamente. Vivo dizendo que o futebol e, de forma mais ampla, o esporte, é um objeto formidável para as Ciências Sociais, mas ainda subutilizado, especialmente no ensino médio, porque os professores simplesmente não se interessam por ele, embora, de modo geral, ele interesse muito aos alunos. Um dia, por curiosidade, fui procurar na internet quais bibliotecas públicas de Paris haviam adquirido o livro *Traidores da nação?*. Das 52 bibliotecas municipais, apenas uma o havia comprado. Diverti-me escrevendo um

e-mail aos diretores/diretoras das outras 51, explicando o objetivo sociológico do livro (esclarecendo que não era um “livro de futebol”) e, também, gentilmente, perguntando por que não o haviam incluído em seus acervos. Recebi apenas uma resposta (da biblioteca Les Couronnes, no 20^o arrondissement). Isso mostra todo o desprezo que o “pessoal da cultura” sente pelo futebol — e acredito que ainda temos dificuldade para medir a força e a profundidade histórica desse desprezo.

Por outro lado, fui convidado uma vez por uma biblioteca de Choisy-le-Roi [subúrbio de Paris], por uma bibliotecária que atua num bairro popular, para falar sobre o livro. Cerca de 25 pessoas compareceram, apenas duas meninas, todos jovens da periferia, de roupa esportiva, e conversamos por duas horas. Foi sensacional! Alguns tinham lido o livro, foi uma troca muito rica. Eu teria adorado fazer isso em maior escala, mas infelizmente futebol e gestores(as) de bibliotecas ainda não combinam...

P: Você pode falar sobre sua colaboração com o jornal regional Sud-Ouest e sobre as crônicas esportivas que você escreve, que em breve serão reunidas em livro?

R: Isso tem a ver com minha relação com o jornalismo. Quando eu tinha 15 anos, no final do ensino fundamental, me perguntaram que profissão eu queria seguir. Escrevi: “jornalista esportivo”. Quando fui professor em Nanterre (2014-2017), antes de me transferir para Poitiers (2017-2020), recebi um *e-mail* do editor da seção de

esportes do *Sud-Ouest* (Frédéric Laharie), dizendo que havia lido e gostado muito de *Traidores da nação?*, cinco ou seis anos antes. Ele me explicou que queria dar mais profundidade à editoria de esportes de domingo, criando uma coluna chamada “Esporte e Cultura”, escrita em rodízio por quatro colaboradores, sendo um cineasta, um sociólogo (eu, no caso), e um historiador. Aceitei sem pensar muito, mas não percebi de início o trabalho que isso representaria, especialmente porque a ideia não era falar apenas de futebol. Eu já era assinante do *L'Équipe*, mas para isso precisava ler a imprensa esportiva diariamente, por pelo menos meia hora, buscando temas interessantes para comentar. Levo cerca de duas horas para escrever cada coluna, geralmente no sábado de manhã. Durante a semana, escolho um tema e monto um dossiê, o que chamo de “material para o artigo”. São reportagens que encontro na imprensa e, a partir delas, desenvolvo meu texto. Tento abranger diferentes esportes que me interessam — nunca escrevi sobre remo porque não entendo nada, mas já falei de futebol, basquete, handebol, esportes coletivos em geral e esportes individuais como ciclismo, tênis etc., além de políticas esportivas, tentando destacar figuras que não costumam ser mencionadas pela mídia tradicional.

É um trabalho modesto, mas me deixa feliz saber que o sociólogo Christian Baudelot leu o livro dessas crônicas (que será publicado no início de 2026) e achou interessante, mesmo com o tamanho reduzido dos textos (3.000 a 4.000 caracteres). E Jean-Claude Lescure, historiador e professor de História Contemporânea que fundou o mestrado de Jornalismo da Universidade Paris-Cergy, escreveu um belíssimo posfácio para o livro.

P: Você jogou muito futebol na juventude, embora já tenha dito que houve pausas no seu interesse pelo futebol de alto rendimento. Queríamos saber se você fez algum trabalho consciente para tentar domar sua paixão pelo futebol ou usá-la de alguma maneira.

R: Minha paixão é, em grande parte, coisa do passado: fui jogador dos 6 aos 21 anos, mas parei quando entrei na Sciences Po. Joguei três anos na universidade de Dijon, com o tio de Frédéric [Rasera], no time de “Ciências Econômicas-Direito”. Em 1978-1979, com o nosso time do Yonne, subimos para o equivalente à 4ª divisão, a Nationale 2, e parei logo depois dessa promoção, ao ingressar na Sciences Po Paris. Foi uma paixão de infância e adolescência, dos 6 aos 15 anos, mas na categoria de cadetes nosso time (que era realmente muito bom) se dividiu: os melhores foram para outro clube da região e eu, com meu irmão gêmeo, ficamos no clube onde nosso pai era dirigente. Foi ali, órfão da antiga equipe (dois colegas viraram profissional e semi-profissional), que comecei a me afastar progressivamente do futebol. Mas essa paixão nunca desapareceu completamente, ela ficou adormecida. No final dos anos 1970, minha namorada da época, uma jovem bibliotecária e filha de professores comunistas (PCF), muito feminista, também contribuiu de certa forma para me afastar do futebol, dizendo sempre: “É muito bobo ficar chutando uma bola.”

P: Com vários colegas, você se interessou pelo papel do futebol na construção e na manutenção dos sentimentos de pertencimento nacional (Archambault, Beaud e Gasparini 2016). Qual sua visão

sobre a globalização do futebol? Até onde se pode ir em termos de generalização ao estudar esse esporte? É possível ignorar os contextos locais? Se não, quais são, em sua opinião, as especificidades do futebol na França hoje?

R: Conheço o futebol principalmente pela telinha da TV. Mas estive no Brasil em 1997, a convite de Afrânio Garcia, que teve a gentileza de me levar a um jogo do Flamengo no Maracanã. Duas coisas me marcaram — foi pouco depois do acórdão Bosman na Europa, que teve grande impacto no futebol brasileiro. O estádio não estava cheio, e o nível técnico era mediano, mas guardo uma lembrança extraordinária da torcida. O público brasileiro vibrava em função do jogo, e foi incrível ver como as ações do Flamengo eram acompanhadas por uma torcida que crescia em intensidade conforme o ataque se desenrolava. Guardo uma lembrança extraordinária, marcada por certa tristeza, por perceber o quanto o futebol brasileiro (que me fez sonhar com Pelé e a fabulosa seleção de 1970, no México) havia perdido o brilho. Tudo isso para dizer que, no futebol como em outras áreas, a globalização tem vencedores e perdedores. Nações apaixonadas pelo futebol, como Argentina e Brasil, enfrentam uma queda na qualidade do jogo, apesar de suas torcidas comprometidas e conhecedoras. Estamos vendo uma oligopolização do futebol, com uma concentração de recursos nas principais ligas europeias, o que está esvaziando de conteúdo muitos campeonatos nacionais — e acho que podemos dizer isso sem cair na nostalgia. Há disputas de poder e disputas simbólicas importantes. Mas, para fazer a sociologia

do futebol hoje, é preciso também realizar uma sociologia econômica do futebol e não se limitar aos jogadores. É necessário analisar como os quadros sociais do universo futebolístico desempenham um papel essencial, e um dos pontos centrais a considerar está na articulação entre futebol profissional e futebol amador. Acredito que nisso resida um dos grandes desafios de uma sociologia do futebol, ainda por ser construída. Não se pode adotar apenas um ponto de vista ou se contentar em estudar apenas o futebol profissional.

P: E para você, o futebol francês ainda tem especificidades, apesar do processo de globalização do futebol profissional?

R: A maior especificidade do futebol francês reside, na minha opinião, no sucesso extraordinário dos centros de formação à francesa, a política esportiva que, por exemplo, o jornalista Philippe Tournon relata no caso de Boulogne nos anos 1970 (Tournon 2021). Se quisermos compreender a especificidade do futebol francês, entender como há pelo menos vinte anos ele consegue revelar tantos jogadores como Mbappé, Dembélé, Doué, Cherki, Upamecano, Konaté, entre outros, seria necessário estudar de perto essa alquimia particular que faz com que, em vários centros de formação — em Rennes, Sochaux, PSG ou Lyon, por exemplo — existam orientadores que realizaram um grande trabalho, a ponto de representantes de clubes da Holanda, da Inglaterra e da Alemanha virem à França para entender o que está acontecendo. Essa é a grande exceção francesa, que faz do país um “produtor” de jogadores de futebol, que são “exportados” cada

vez mais jovens — com, obviamente, todos os desvios associados a essa exportação precoce, pois há muitas perdas nesse processo. A segunda especificidade francesa está no fato de os clubes serem, em geral, subdimensionados, e, com exceção de alguns grandes (PSG, Lyon, Marselha), os clubes franceses são economicamente frágeis. Exceto por quatro ou cinco grandes clubes, não temos a estrutura clubística existente na Inglaterra, na Alemanha, na Espanha e talvez na Itália. Também seria necessário fazer um trabalho comparativo sobre os investimentos nos clubes desses diferentes países europeus: quem são os investidores? Quais são suas motivações? É marcante que os investidores franceses tenham abandonado o futebol. Vimos recentemente o exemplo de Saint-Étienne: quando os proprietários quiseram vender o clube, apareceu um comprador local, um empresário que queria criar uma estrutura com outros dirigentes de PME locais, mas sua oferta foi recusada e se preferiu vender para canadenses que aparecem uma vez por trimestre...

P: Você mencionava anteriormente que o futebol era um objeto de pesquisa bastante desprezado nas Ciências Sociais, especialmente na França. Até que ponto isso constitui uma especificidade francesa? E você notou alguma mudança nesse aspecto?

R: Em primeiro lugar, o futebol francês por muito tempo não foi muito competitivo, salvo pela epopeia do Stade de Reims e da AS Saint-Étienne. As elites intelectuais e políticas tinham uma visão muito condescendente sobre ele. Como eu disse, 1998 marcou

uma verdadeira virada, com um impulso popular que não deve ser subestimado. Muitas pessoas começaram a se interessar por futebol, inclusive muitas mulheres, e vimos também o surgimento de uma imprensa especializada um pouco mais intelectual, como *Les Cahiers du football* e *So Foot*. Observei isso também na Sciences Po Lille, onde passei os últimos quatro anos da minha carreira universitária (entre 2020 e 2024): muitos estudantes, homens e mulheres, me procuraram para fazer uma monografia sobre o futebol. O mesmo fenômeno ocorre em outros lugares: vemos um entusiasmo crescente por esse esporte, que antes não existia. Também entre intelectuais: vemos pessoas que têm vontade e que se permitem escrever sobre futebol, o que antes não acontecia na França. Não tive tempo de fazer um levantamento completo de todas as obras publicadas sobre o futebol, mas é visível que as coisas mudaram. Ainda não totalmente, no entanto: tenho uma anedota para contar, sobre a qual nunca escrevi, mas que é reveladora. Depois da publicação de *Traïdores da nação?*, fui à livraria La Hune, a famosa livraria de Saint-Germain-des-Prés em Paris, que já não existe mais, e perguntei ao vendedor onde encontrar o livro. Ele me reconheceu e, com um tom entre surpresa e decepção, disse: “Ah, o senhor é Stéphane Beaud! Agora se interessa por futebol, então?”. Ele havia lido *Retour sur la condition ouvrière* (Beaud e Pialoux 1999) e, para ele, escrever um livro sobre futebol, sobre esse objeto “sujo”, era realmente um rebaixamento. No fim, ele encontrou o livro, escondido no fundo da pequena seção de esportes. Acho que, nos meios culturais, o futebol continua sendo um tema ainda não totalmente legítimo. O interes-

sante é que ele começa a se difundir também por meio da literatura, do teatro e da dança, que o abordam cada vez mais.

P: O futebol também é um objeto que permite atravessar as fronteiras de classe, mas, ao mesmo tempo, quando se trabalha com sociologia das classes populares, isso é considerado nobre e valorizado – menos quando se trata de futebol. Isso ecoa os trabalhos em sociologia da cultura que mostram a tendência das classes superiores a se tornarem cada vez mais onívoras, exceto a respeito de certos objetos que continuam sendo repelidos (Bryson 1996). Poderíamos dizer que, na sociologia das classes populares, pode-se pesquisar qualquer coisa – menos futebol?

R: Isso parece resumir bem a situação, ainda que o futebol constitua um observatório privilegiado para penetrar o universo das classes populares por outra via que não o trabalho, ou seja, através das práticas culturais ordinárias. É importante mostrar toda a positividade dessas práticas em meios populares – e isso não é pouca coisa. Por exemplo, eu adoraria fazer sociobiografias detalhadas de jogadores de futebol. Li as três biografias de Zidane, mas não tive tempo de escrever sobre elas. Foram publicadas em um intervalo de quatro a cinco anos, e uma delas se chama “biografia não autorizada”, escrita por uma jovem de origem argelina. Porque, de fato, Zidane e seus irmãos controlam tudo que é publicado sobre ele. Por exemplo, um artigo saiu no *Le Monde* sobre Zidane que não agradou ao seu “clã”, e eles boicotaram o jornal por vários anos. Acredito que biografi-

as aprofundadas de jogadores de futebol podem esclarecer muitos aspectos sociológicos. Faz anos que sonho em fazer uma biografia de Jean Tigana. Tenho tentado convencê-lo, mandando mensagens (consegui seu número de celular por um conhecido em comum), livros e pequenos artigos que escrevi sobre futebol. Por enquanto, sem sucesso. Soube por pessoas próximas a Tigana que ele “tem uma mágoa” com os jornalistas (não sei o motivo); é bem provável que ele me veja como um deles, mesmo sendo sempre muito educado e cordial em nossas breves (e muito espaçadas) trocas por mensagem. Como Tigana teve uma trajetória extraordinária como jogador (aos 23 anos ainda era carteiro pela manhã, quando jogava pelo Toulon na segunda divisão), e como eu adorava seu estilo de jogo — e ele ainda é relativamente jovem (70 anos) — não perco a esperança de realizar um dia esse projeto que beira o sonho...

P: Você já mencionou algumas, mas quais são as linhas de pesquisa promissoras sobre o futebol na França ou em outros países?

R: Acho que ainda não se escreveu tudo sobre o futebol profissional, mas um dos principais desafios é convencer as instâncias do futebol francês — a FFF (Federação Francesa de Futebol) ou a LFP (Liga de Futebol Profissional) — de que é interessante fazer uma sociologia do futebol, mas sem amarras. Outro projeto que tentei implantar quando estava na ENS foi propor à FFF uma pesquisa para responder à seguinte pergunta (bastante simples): “Quem são, socialmente falando (origem social, tipo de escolaridade, profissão exercida, estado

civil etc.), as jogadoras de futebol feminino?”. Isso em parceria com a doutoranda Camille Martin, que estava fazendo uma tese sobre o desenvolvimento do futebol feminino.⁹ A ideia era enviar estudantes para aplicar questionários presencialmente nos clubes, em vez de usar questionários autoaplicados, de modo a obter dados confiáveis. Contatei vários colegas nos departamentos de STAPS e montamos um projeto de pesquisa coletiva. Consegui o contato de Brigitte Henriques, futura presidente do CNOSF (Comitê Olímpico e Esportivo Francês), que era então a número três da FFF. Ela nos recebeu muito gentilmente, a mim e a Camille Martin. Apresentamos nosso projeto, enfatizando sua originalidade metodológica. Ela nos ouviu com atenção e achou o projeto realmente interessante, mas um mês depois me ligou dizendo: “Sr. Beaud, lamento, mas seu projeto não vai funcionar, vocês são caros demais (pedíamos 30 mil euros por tudo), uma equipe de consultores se propõe a fazer a mesma coisa por 25 mil euros”. Tentei saber mais sobre essa proposta concorrente e descobri, estupefato — e bastante desgostoso —, que eles pretendiam fazer a pesquisa com as jogadoras apenas por telefone, com todos os vieses inerentes a esse “método”. Tentei explicar que não era a mesma coisa, que a nossa proposta era sólida: um questionário aplicado presencialmente, com forte possibilidade de controle de alguns vieses. Nosso objetivo era entrevistar 10 mil jogadoras em diferentes regiões da França com equipes compostas por estudantes de STAPS.

9 Ver capítulo 8 neste livro.

Resumindo, acho que um dos grandes desafios hoje, para nós sociólogos, é conseguir estabelecer relações produtivas com dirigentes das instâncias do futebol e convencê-los a nos financiar, em vez de financiar exércitos de consultores formados em escolas de negócios, que ganham dinheiro em 15 dias, trabalhando muito mais rápido, sim, mas muito pior que nós, sociólogos. Gostei muito do artigo de Didier Demazière e Williams Nuytens, no qual analisam a violência no futebol amador baseando-se nos relatórios de incidentes (Demazière e Nuytens 2018). Há muita coisa a ser feita com base nos dados dos distritos [níveis locais da organização do futebol na França], com observação de partidas. Há pouquíssima observação no campo da sociologia do futebol na França – trata-se, de fato, de uma sociologia que sofre por não contar com um trabalho sistemático de observação dos jogos em diferentes níveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCHAMBAULT, Fabien, Stéphane Beaud e William Gasparini (org.). 2016. *Le football des nations. Des terrains de jeux aux communautés imaginées*. Paris: Presses universitaires de la Sorbonne.

BEAUD, Stéphane e Gérard Noiriel. 1990. “L’immigration dans le football”. *Vingtième Siècle*, 26: 83-96.

BEAUD, Stéphane. 1995. *L’usine, l’école et le quartier: itinéraires scolaires et avenir professionnel des enfants d’ouvriers de Sochaux-Montbéliard*. Thèse de doctorat en Sociologie – EHESS, Paris.

BEAUD, Stéphane e Florence Weber. 1997. *Guide de l'enquête de terrain*, Paris: La Découverte.

BEAUD, Stéphane e Michel Pialoux. 1999. *Retour sur la condition ouvrière. Enquête aux usines Peugeot de Sochaux-Montbéliard*. Paris: Fayard.

BEAUD, Stéphane. 2002. "80 % au bac"... et après? *Les enfants de la démocratisation scolaire*. Paris: La Découverte.

BEAUD, Stéphane. 2011. *Traîtres à la nation? Un autre regard sur la grève des Bleus en Afrique du Sud*. Paris: La Découverte.

BEAUD, Stéphane. 2014. "Prendre le foot au sérieux". *Savoir/Agir*, 30(4): 9-15.

BEAUD, Stéphane. 2014. *Affreux, riches et méchants ? Un autre regard sur les Bleus*, Paris : La Découverte.

BEAUD, Stéphane. 2018. *La France des Belhoumi. Portraits de famille (1977-2017)*. Paris: La Découverte.

BEAUD, Stéphane e Frédéric Rasera. 2020. *Sociologie du football*. Paris: La Découverte.

BEAUD Stéphane, Samira Belhoumi e Dominique Lurcel. 2024. *Passeport pour la liberté (histoire de Samira). Théâtre et sociologie au lycée*. Lormont: Le Bord de l'Eau.

BOURDIEU, Pierre. 1971. "Genèse et structure du champ religieux". *Revue française de sociologie*, 12(3): 295-334.

BOURDIEU, Pierre e Luc Boltanski. 1976. “La production de l’idéologie dominante”. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 2(2-3): 3-73.

BOURDIEU, Pierre e Monique de Saint-Martin. 1978. “Le patronat”. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 20-21: 3-82.

BOURDIEU, Pierre. 1984. “La délégation et le fétichisme politique”. *Actes de la recherche en sciences sociales*, 52-53: 49-55.

BRYSON, Bethany. 1996. “‘Anything but Heavy Metal’: Symbolic Exclusion and Musical Dislikes”. *American Sociological Review*, 61(5): 884-899.

DEMAZIÈRE, Didier e Williams Nuytens. 2018. “Que faire avec des matériaux incertains? Le cas d’une sociologie des violences dans le football amateur”. *Staps*, 122: 31-44.

NOIRIEL, Gérard. 2016. *Chocolat. La véritable histoire d’un homme sans nom*. Paris: Bayard.

RASERA, Frédéric. 2016. *Des footballeurs au travail. Au cœur d’un club professionnel*. Marseille: Agone.

THOMAS, William e Florian Znaniecki. 1998. *Le Paysan polonais en Europe et en Amérique. Récit de vie d’un migrant*. Paris: Nathan [ed. original: 1919].

TOURNON, Philippe. 2021. *La Vie en Bleu*. Paris: Albin Michel.